

## A VIDA NO ESPÍRITO(1)

Orlando E. Costas

No Mundo dos Dois Terços, aquela faixa da vida contemporânea que representa um mosaico religioso e cultural e é o âmbito da gente abrumadamente pobre, débil e oprimida do mundo, o traço mais significativo da experiência cristã é a vida segundo o Espírito Santo. Em qualquer parte do Mundo dos Dois Terços a que alguém possa ir, se encontrará com sinais do Espírito; um número crescente de cristãos e igrejas novas, (2) uma atitude de gozo em meio ao sofrimento e uma esperança desafiante em um clima de morte.

Certamente o cristianismo revela, nestas terras, uma sensibilidade assombrosa para com a pessoa e obra do Espírito Santo. Na África, a maioria das igrejas são "independentes" (muitas delas de tipo pentecostal) ou têm sido influenciadas pela "renovação" (o movimento de renovação da África Oriental, por exemplo, alcançou a maioria das igrejas protestantes históricas). A maioria das igrejas protestantes históricas da América Latina são pentecostais (cerca de dois terços dos membros protestantes) ou "amigos" (simpatizantes) dos pentecostais. No tocante à Ásia e ao Pacífico, uma atmosfera de espiritualidade permeia todas as formas de cristianismo, sejam de tipo "carismático" ou "místico".

---

(1) La vida en el Espíritu. In: **Boletín Teológico**, México, 18 (21-22):7-24, jun. 1986.

(2) 78.000 cristãos novos e 1.000 igrejas novas por dia segundo alguns estudiosos do crescimento da igreja. (cf. Peter WAGNER, **On the Crest of the Wave: Becoming a World Christian**, Ventura CA, Regal Books, 1983, p.21.)

Por outro lado, uma característica subjascente à vida no Mundo dos Dois Terços é a abertura espiritual de sua gente. É raro encontrar nele a atitude anti-religiosa tão comum em grupos pertencentes às sociedades européia e norte-americana desde o Iluminismo do século XVIII. A crença religiosa é parte essencial da vida diária. Dir-se-ia que, em termos sociológicos e fenomenológicos, o Mundo dos Dois Terços é "zona de crentes". Do ponto de vista teológico haveria que acrescentar que este fenômeno reflete uma profunda sensibilidade para com a realidade espiritual, e, portanto, um terreno fértil para a atividade salvífica do Espírito de Deus. Há tempos e lugares que mostram uma receptividade especial à presença do Espírito, e o fervor religioso atual do Mundo dos Dois Terços tem todas as características de um *kairós* espiritual. (3) O que disse Gustavo Gutiérrez sobre a América Latina é pertinente a outras partes do Mundo dos Dois Terços: "Estamos não na véspera, mas iniciando o hoje de uma oportunidade evangelizadora nunca antes vivida." (3).

A expressão "vida no Espírito" se refere à vida interior dos seres humanos, ou sua existência como espírito encarnado, além de sua capacidade de transcender a existência material e entrar em relação com a realidade espiritual absoluta do universo. Segundo Michael Collins Reilly, S.J., esta existência espiritual permite às pessoas tanto captarem a realidade, como expressarem-se "no complexo de formas e símbolos que constituem uma cultura humana". Mais ainda, permite-lhes articular o significado da realidade em uma cosmovisão "determinada pela relação com uma deidade ou interesse fundamental". (4)

Para os cristãos, a vida no espírito é a existência vivida de acordo com o Espírito de Deus trino e uno. Viver no Espírito é viver com fome e sede de Deus. Por esta razão Gutiérrez diz que "a busca de Deus é, na verdade, o sentido definitivo de toda a espiritualidade". (5) Esta busca é inspirada, motivada e lançada pelo Espírito Santo. A vida no Espírito é, por tanto, uma peregrinação guiada pelo Espírito.

Neste trabalho proponho-me a explorar o significado desta peregrinação para o povo de Deus no Mundo dos Dois Terços. Limitar-me-ei a dois aspectos: a fonte e as dimensões da peregrinação.

(3) *Beber de su propio pozo: en el itinerario espiritual de un pueblo*, Salamanca, Sígueme, 1984, p. 17.

(4) *Spirituality for Missions*, Maryknoll, Orbis Books, 1978, p. 12 e 24.

(5) *Op. cit.*, p. 17.

## A FONTE DA PEREGRINAÇÃO

### **O Espírito Santo como criador e redentor**

O Espírito Santo é o manancial, a energia e o fundamento da vida espiritual. Isto provém da convicção da fé bíblica em que o Espírito divino é o alento (ruah) que dá vida, gera energia e satisfaz as necessidades do mundo.

Quando falamos do Espírito Santo referimo-nos a Deus em ação. O Espírito é mais que a presença da transcendência; é a transcendência fazendo consciente sua presença. O Espírito é mais que o "númeno", (6) é o santo que predomina frente ao humano e que o faculta para pecar-se do "outro". O Espírito é o intermediário entre os termos da relação que Martin Buber chamou "eu-tu", ou entre o aspecto da transcendência que pode ser conhecido e o que dá a conhecer. Em suma, o Espírito é "o Deus mediano" ("the go-between God"). (7)

A pessoa do Espírito Santo aparece, na teologia cristã, em conexão com o trabalho do terceiro membro da Trindade. Baseia-se na maneira em que as Escrituras vinculam o conceito de "espírito" com o de "poder". O Espírito é a força mediadora da deidade. Cada aspecto do desígnio de Deus - desde a criação do mundo até a consumação de todas as coisas - está associado com o Espírito. Isto implica que a identidade pessoal do Espírito se revela em eventos e fatos concretos. Dado este fato de fé bíblica e da teologia cristã, proponho-me a descrever o Espírito Santo como fonte de nossa peregrinação espiritual em termos do poder de Deus manifesto na criação e a redenção.

### **O Espírito criador**

Em todo discurso referido ao Espírito Santo, deve-se ter em mente sua realidade primordial: o Espírito é o Criador em ação. Segundo o livro de Gênesis, o Espírito de Deus é o Alento que se movia sobre a face das águas, dando forma à terra e enchendo o vazio (Gn 1.2). Foi pelo Espírito que Deus criou o mundo do nada: "Os céus por sua palavra se fizeram, e pelo sopro de sua boca o exército deles" (Sl 33.6). Neste versículo a palavra de Deus recebe a força criativa do alento de Deus. O Espírito é a energia da palavra; a palavra atua pelo Espírito.

---

(6) Rudolf OTTO, *The Idea of the Holy*, traduzido do alemão por John A. Harvey, Londres, Oxford University Press, 1923 (há versão castelhana: *O Santo*, Madri, Alianza Editorial).

(7) John V. TAYLOR, *The Go-Between God: The Holy Spirit and the Christian Mission*, Filadélfia, Fortress Press, 1972.

O poder criativo do Espírito coloca-se em evidência especialmente na vida humana. Há uma relação de dependência entre o espírito humano e o Espírito de Deus, tal como expressa o livro de Jó tão vividamente: "O Espírito de Deus me fez; e o sopro do Todo-poderoso me dá vida." "(...) enquanto em mim estiver minha vida, e o sopro de Deus nos meus narizes, nunca os meus lábios falarão injustiça (...)" (Jó 33.4; 27.3-4a). Estes dois versículos, tomados de duas passagens distintas, dão testemunho do Espírito como fonte da vida humana. A humanidade não somente recebeu seu ser por meio do Espírito, mas também recebe sua energia espiritual no Alento de Deus. O Espírito de Deus dá à humanidade mais que sangue vital. De raio, pelo Espírito o gênero humano toma consciência da existência de "outros" e recebe a capacidade para comunicar-se, ou formar uma comunidade, com eles. Este estar em relação com os outros é o que torna a vida humana espiritual. O Espírito, diz John V. Taylor,

"é o que está no meio, fazendo reais a separação e a conjunção. Gera certa qualidade, de intensidade redobrada, que de tempo em tempo marca toda a relação humana com o mundo que o rodeia (...) e com toda realidade que está dentro e por trás do mundo". (8)

Falar do Espírito como o doador da vida é também reconhecer um processo contínuo de criação. O Espírito não somente dá existência (cria) às criaturas de Deus, mas também "renova a face da terra", quer dizer, a ordem criada (Sl 104.20). O Espírito Criador faz novas todas as coisas. Por isso Taylor sustenta que três características da atividade criadora do Espírito são: (1) maior consciência da existência de "outros"; (2) "estímulo da iniciativa e da eleição" e (3) o "princípio de vida através da morte, de auto-sacrifício pelo interesse de uma lealdade superior, que contrasta com o princípio de autoconservação". (9)

Estas características aparecem como um contínuo na obra do Espírito. Mostram o Espírito como "o mediano e comunicador dinâmico incessante, que opera sobre todos os elementos e processos do universo material; é a presença iminente e anônima de Deus". (10)

Esta realidade primordial do Espírito tem uma importância crítica para a participação adequada da igreja na missão de Deus. Porque se o Espírito

---

(8) *Ibid.*, p.8.

(9) *Ibid.*, p.28-35.

(10) *Ibid.*, p. 64.

é “a força elementar acima de toda força”, então o ponto de partida da missão cristã deve ser o campo terrenal da atividade primária de Deus como criador e sustentador da vida”. (11) Por um lado isto significa que devemos tomar a totalidade da vida como esfera de missão. Nenhum aspecto dela deve ser deixado fora do interesse missionário. Por outro lado, significa que o que distingue nossa vida no Espírito é nossa sensibilidade para com os outros e a comunicação com eles. Nem a atitude de superioridade nem a divisão em compartimentos podem ser tolerados. “Devemos abandonar nossos pressupostos missionários e começar do princípio com o Espírito Santo (...), observando humildemente a situação em que nos encontramos, qualquer que seja, para perceber o que Deus está tentando fazer ali, e então fazê-lo com” o Espírito. (12)

### O Espírito redentor

Sem dúvida, sabemos pela fé bíblica e pela observação científica que a criação não somente é dinâmica e contínua, mas também propensa a decadência é a morte. As Escrituras nos ensinam que nossa existência planetária não é a única esfera do Espírito. De fato, a criação de Deus tem sido contaminada pelo mal e pelo pecado. Não obstante, o Espírito segue insuflando vida no cosmos. De acordo com isto, as Escrituras dão testemunho do Espírito como criador e **restaurador** do mundo. O Espírito é o poder redentor de Deus.

Nos livros históricos das Escrituras hebraicas se faz referência ao Espírito em conexão com a salvação de Israel através de líderes carismáticos em circunstâncias específicas. Nos Profetas (e nos cinco livros de Moisés) o Espírito de Deus adquire uma dimensão escatológico-redentora. O Espírito é o poder libertador de Deus revelado no evento do Êxodo e na restauração posterior ao exílio. O Espírito é também o poder do futuro, revelando o shalom do reino messiânico e a concomitante transformação da terra. Um sinal da era messiânica é o derramamento do Espírito de Deus sobre todos como um poder redentor permanente em seu coração. (13)

Este é o pano-de-fundo que permite compreender as referências do Novo Testamento ao papel do Espírito na redenção. Este papel está intimamente

---

(11) *Ibid.*, p. 45, 39.

(12) *Ibid.*

(13) Cf. Eddward SCHILLEBEECKE, *Christ: The experience of Jesus as Lord*, traduzido do holandês por John Bowden, New York, Crossroads, 1981, p. 536ss; H. BERKHOF, *Christian Faith*, traduzido do holandês por Sierd Woodstra, Grand Rapids, Eerdmans, 1979. Ver também H. BERKHOF, *The doctrine of the Holy Spirit*, Atlanta, John Knox Press, 1976.

ligado ao da pessoa e obra de Jesus o Messias. De fato, Jesus começa seu ministério afirmando que possui o Espírito messiânico (Lc 4.18-19), uma afirmação que sustentará firmemente até o fim de sua vida e ministério. Pela mesma razão, as epístolas falam de sua morte, ressurreição e presença contínua na história em relação com o Espírito. Portanto, devemos distinguir entre o Espírito em Jesus e o Espírito de Cristo ressurreto. H. Berkhof explica o porquê:

"Por um lado o Espírito segue seu curso criativamente; é maior que Jesus e o controla. Jesus é obra do Espírito. Por outra parte o Espírito faz a obra de Jesus (ressurreto), o interpreta e é guiado por ele. Jesus é o fruto do Espírito eo Espírito é o fruto de Jesus." (14)

Segundo o Novo Testamento, Jesus nasceu pelo poder do Espírito (Mt 1.18; Lc 1.35). A encarnação é um feito direto do Espírito Santo. O Espírito esteve com ele desde a infância (Lc 2.40) e desceu sobre ele em seu batismo (Mc 1.10), levou-o ao deserto (Mc 1.12) e o trouxe de volta à Galiléia com poder para pregar, curar e libertar (Lc 4.14). De modo que Jesus foi ungido pelo Espírito para cumprir com a missão messiânica, para o que recebeu inspiração e direção. O Espírito é o poder por meio do qual ofereceu sua vida como sacrifício redentor (At 9.13) e é também o elemento de sua ressurreição (Rm 1.14).

O fato de que o Espírito esteve em Jesus implica, por um lado, que era uma pessoa humana cheia de Deus (At 10.38). Sua vida e ministério foram um testemunho vivente da presença de Deus na história humana. Por outro lado, implica que em sua obediência à direção do Espírito demonstrou sua fidelidade a Deus, e se converteu em autêntico partícipe do pacto por quem finalmente se pôde criar uma nova humanidade. Jesus foi, portanto, o portador do Espírito, e assim veio a ser ele próprio o Mediano entre Deus e a humanidade, o mediador da salvação.

Esta nova relação de Jesus com o Espírito é o que leva o apóstolo Paulo a falar do Espírito de Cristo. Por meio de sua ressurreição pelo poder do Espírito, Jesus não somente se converteu no Messias exaltado, o Senhor, mas é, mais especificamente, um Espírito doador da vida; isto é, tornou-se um com o Espírito. Chegou a ser o Cristo Pneumático. Como tal, tem a tarefa e o poder para que venha o reino em sua consumação final e reunir o mundo com seu Deus e Pai para que Deus seja, finalmente, "tudo em todos" (1 Co 15.20-28, 42-50; 2 Co 3.17-18).

---

(14) *Christian Faith*, p. 324.

A relação recíproca entre o Espírito e Jesus mostra a obra da Trindade. (15) O Espírito como "o Deus mediano" é o vínculo entre a missão de Jesus - o Filho de Deus - no mundo e o futuro na glória do Pai, assim como o Espírito é o agente do Pai na encarnação da Palavra Eterna. Portanto, Jesus foi enviado e depois reunido com o Pai no e pelo poder do Espírito. Esta é a base para a reconciliação do mundo com Deus através do Filho. O Espírito une os crentes com o Filho por meio do Espírito. Assim podem participar na continuação da missão de Cristo na terra, tal como Jesus o havia prometido (Jo 14.26; 16.7; 20.22; At 1.4-8). Nesta relação o filho também intercede pelos crentes por meio do Espírito (Rm 8.26-30; 13.13; 1 Jo 2.1) e mantém viva a esperança de redenção da criação (Rm 8.18ss).

A Trindade, como duplo movimento redentor que constitui o envio do Filho por parte do Pai no poder do Espírito para a salvação do mundo e a reconciliação do mundo que o Espírito opera por meio do Filho para a glória do Pai, nos permite discernir a missão do Espírito na vida interna da Trindade, que é manter a unidade do Pai com o Filho. Segue um curso análogo ao da função do Espírito na redenção, como o movimento poderoso do Pai ao mundo em nome do Filho, e do mundo ao Pai pela obra do Filho. A Trindade preexistente pode ser assim sintetizada como uma comunidade de amor, uma tri-unidade, e o Espírito como poder que torna possível a missão e a unidade de Deus. O amor que flui da comunidade divina na criação acha sua complementação na redenção, assim como a redenção leva à nova criação na qual se revelará o reino glorioso de Deus: todas as coisas serão reconciliadas com seu feitor e Deus será tudo em todos. Pode-se dizer, portanto, que a criação e a redenção são lados complementares da missão do Espírito Santo.

#### **A vida criativa e redentora no Espírito**

Do que foi dito se segue que a vida no Espírito deve ser tanto criativa como redentora. É criativa enquanto dá testemunho da atividade do Espírito na história e na ordem criada. E é redentora enquanto colabora com a obra reconciliadora de Espírito no mundo. Quero dar alguns exemplos destas duas dimensões da vida e obra do Espírito.

---

(15) Estou endividado para com Jürgen Moltmann por sua perspectiva e percepção aguda da Trindade. Cf. *The crucified God*, Londres, SCM, 1974, p. 235ss. (Há versão castelhana: *O Deus crucificado*, Salamanca, Sígueme, 1975.); *The church in the power of the Spirit*, New York, Harper and Row, 1977, p. 50; *The Trinity and the Kingdom*, New York, harper and Row, 1981, p. 158 - 161. ( Há versão castelhana: *Trindade e Reino de Deus*, Salamanca, Sígueme, 1983.)

João V. Taylor notou que a missão do Espírito Criador tem um grau e alcance notáveis. Como exemplo disso assinala "o genetista de vegetais que cria uma nova espécie trigo, a equipe da Organização Mundial da Saúde que combate a esquistossomose, a companhia de construção que estende pontes sobre uma barreira fluvial, os grupos de pressão política que fazem campanha para que caia um funcionário corrupto de uma cidade, o grupo de teatro vocacional no novo centro cultural, o equipamento no novo poço de petróleo, a comissão de pais que luta pela eliminação da *segregação nas escolas dos bairros pobres*". (16) A estes exemplos poderíamos acrescentar muitos outros de tipo social, econômico, político, biológico, ecológico, cultural e mesmo religioso. Seguindo Taylor, tudo o que aumenta a sensibilidade para com os outros, e portanto contribui para a formação de uma comunidade, lutando por uma sociedade mais justa e pacífica, tudo o que permite às pessoas viverem em liberdade, e, por conseguinte, fazer eleições responsáveis, e tudo o que constringe a fazer sacrifícios em prol do bem comum e do bem-estar ecológico da terra pode ser identificado como a obra criativa do Espírito. Viver no Espírito é glorificar a Deus por meio do reconhecimento destes fatos e eventos como "sacramentos da vida" (Boff), dando testemunho deles como sinais da obra criadora permanente do Espírito.

A obra reconciliadora do Espírito, por outro lado, coloca-se em evidência em quatro áreas pelo menos. Primeiro, o Espírito Santo produz consciência da história e compreensão do significado da pessoa de Jesus Cristo. O Espírito é a testemunha fundamental da historicidade de Jesus e o mestre por excelência da autenticidade de sua obra salvadora como Filho de Deus.

Em segundo lugar, o Espírito de Deus origina a mudança de orientação da vida de homens e mulheres que abandonam uma vida de pecado para comprometerem-se com Cristo. O Espírito os convence de seu fracasso moral, da santidade de Deus e de sua responsabilidade última frente a Jesus Cristo como senhor do universo. O Espírito cria fé onde não há fé, e envolve homens e mulheres numa nova peregrinação de vida, permitindo-lhes passar do poder do egoísmo e da avarícia a Deus e ao futuro, libertando-os da catividade da velha ordem de injustiça e morte para a liberdade da nova ordem de retitude e vida.

Em terceiro lugar, O Espírito Santo antecipa a liberdade futura da nova vida em Cristo. O Espírito é "a garantia de nossa herança" (Ef 1.13-14). No Espírito somos regenerados (Tt 2.5), nascidos para uma nova vida de esperança (1 Pe 1. 13).

---

(16) God, p.38.



Em quarto lugar, o Espírito Santo faz da nova vida um sinal de esperança para o mundo. (17) Na nova vida no Espírito, toda a criação vê um sinal da transformação que lhe foi prometida. Como diz Paulo em Rm 8.16-23, o Espírito dá testemunho de nossa herança, e toda a criação encontra razão para esperar a redenção futura e a participação na nova criação.

Deve-se ter presente que a ação reconciliadora do Espírito não ocorre no vazio, isolada do concreto e tangível. Tampouco está limitada à vida interior dos crentes. A esfera de ação da missão redentora do Espírito é a história, a história concreta de mulheres e homens. A experiência do Espírito encontra sua correspondência na vida segundo o Espírito. Na fé cristã bíblica, a subjetividade se verifica objetivamente.

Assim, por exemplo, o testemunho que o Espírito dá a respeito da história e o significado da pessoa de Jesus Cristo deve ser vista em relação com a Palavra objetiva de Deus. As Escrituras são a fonte objetiva do testemunho do Espírito. Ninguém pode afirmar que possui o Espírito. Antes, a percepção que cada um tem do Espírito de verdade se julga à luz do testamento fundamental que a igreja registrou nas Escrituras, preservando em sua tradição e transmitindo em sua missão.

A transformação da vida pessoal de mulheres e homens por parte do Espírito se corresponde com seu comportamento externo na sociedade e sua contribuição ao bem-estar do mundo. Aqueles que afirmam haver nascido do Espírito devem mostrar o fruto do Espírito em sua vida pessoal e social.

Ademais, a antecipação da liberdade futura da nova vida em Cristo se faz evidente na vida atual da comunidade de fé. A paz, a liberdade, a justiça e o amor que são marcas do reino de Deus devem caracterizar o estilo de vida pessoal e comunitária de crentes. Eles devem ser os critérios pelos quais a igreja avalia sua missão em geral e seu programa particular.

O sinal que o Espírito provê para infundir esperança no mundo através da comunidade eclesial se confirma pelo serviço libertador que presta o povo de Deus ao mundo. Falar de esperança para um novo mundo sem envolver-se em formas concretas de fazer dele um lugar melhor para viver é negar a própria esperança; certamente é escapar para uma abstração vaga e ultramundana que paralisa a força transformadora da missão escatológica do evangelho e termina sacralizando o status quo. Ter a esperança de que o mundo será redimido e não executar ação redentora alguma no mundo é uma blasfêmia.

---

(17) Para um estudo da relação entre o Espírito Santo e o mundo dentro de uma perspectiva trinitária parecida, ver M. Douglas MEEKS, 'The Holy Spirit and Human Needs: Towards a Trinitarian Economics.' In: *Christianity and Crisis*, 40(18): 307-16, 10 nov. 1980.

## AS DIMENSÕES DA PEREGRINAÇÃO

### **Espiritualidade e práxis da fé**

A vida no Espírito é uma peregrinação de fé no Deus trino, uma viagem de toda a vida com a esperança posta na glória do reino de Deus. A esperança é um produto da fé que, por sua vez, se expressa com um envolvimento concreto. A espiritualidade é uma expressão prática da peregrinação, da práxis, do compromisso reflexivo, da fé. Como tal, é multidimensional. Na segunda parte deste trabalho fixarei a pontaria em três destas dimensões.

### **Discipulado**

Uma das dimensões da peregrinação é o discipulado. A vida no Espírito é, acima de tudo, seguir ao Cristo Pneumático. Todo o que se aproxima da fé vem como um aprendiz ou um seguidor de Cristo em sua marcha em direção à consumação do reino de Deus. O padrão desta peregrinação se encontra nos evangelhos. O chamado a ser discípulos nos vem logo da ressurreição, mediado pelo chamamento e formação dos doze apóstolos antes da Páscoa. O significado de ser discípulo em nossa própria vida só pode ser compreendido a partir do modelo que se dá ali.

No Evangelho, seguir a Jesus significa pelo menos três coisas; (1) compromisso com ele e suas maneiras de proceder, (2) obediência a sua Palavra, e (3) participação em sua missão. Estes são os ingredientes principais do discipulado em todas as partes e todo o tempo.

Seguir ao Cristo ressurreto requer confiança incondicional nele e a rejeição dos deuses terrenos. A fé nele não é coisa que se elege por conta própria. É o Espírito que toma a iniciativa e nos faz tomar consciência do que Cristo se atribui e de seu compromisso com nosso bem-estar. Portanto, segui-lo é aceitar o convite do Espírito a entrar em comunhão com ele e dar nossa lealdade a sua causa.

Compromisso com Cristo significa obediência a sua Palavra. A Palavra de Cristo nos vem por meio do evangelho, e não-la apropriamos na comunidade de fé. As Escrituras devem ser lidas contextualmente e ouvidas em espírito de oração na comunidade de fé. Devem ser tidas como fonte de referência autorizada para todos os assuntos relativos à fé e à prática cristãs.

O compromisso e a obediência se provam na missão. Seguir Cristo e escutar sua palavra não é somente uma viagem de toda a vida, mas uma peregrinação pelo deserto da vida, "fora do acampamento" (At 13.13), onde ele morreu. O discipulado envolve sacrifício, um testemunho até a morte. Implica identificação pessoal com o sofrimento de Cristo e solidariedade com

os sofrimentos de mulheres e homens em todas as partes; requer morrer para as ambições pessoais e uma disposição para suportar suas cargas por causa de Cristo. É uma empresa que recebe poder do Senhor ressurreto. Os crentes não devem sentir-se inibidos pelo custo da missão cristã nem pela grande quantidade de barreiras que devem atravessar, já que Cristo os tem libertado para participar em sua missão, que está em marcha, de transformar o mundo e libertá-lo do poder do pecado e da morte.

O discipulado cristão está colocado a prova, hoje em dia, no altar da vida no Mundo dos Dois Terços. Este espaço histórico se converteu repentinamente num Gólgota. Os cristãos se vêem forçados a manter-se firmes em seu compromisso e obedecer à palavra de Deus ou a negar sua fé quando se vêem confrontados com a realidade sórdida da opressão, a injustiça, a pobreza, a repressão e a perseguição. Na América Latina, por exemplo, um grupo bastante grande de crentes, incluindo pastores, padres, religiosos e leigos, têm-se preparado para sofrer perseguição e morte antes que sobreviver acomodando-se ao meio e renegado à causa da justiça. A autenticidade da fé se mede com a medida do martírio, como disse Jesus a seus discípulos: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Porquanto, quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á e quem perder a sua vida por minha causa, achá-la-á (Mt 16.24b-25).

Viver no Espírito de Cristo no Mundo dos Dois Terços atualmente significa correr o risco de ser perseguido, molestado e assassinado, seja em países como o Nepal, onde ser um crente confessante leva a não ser considerado como pessoa, a não ter identidade reconhecida nem direito algum; ou na Coreia do Sul, África do Sul ou América do Sul, onde os líderes cristãos se identificaram com o sofrimento dos milhares de pessoas a quem se nega seus direitos humanos básicos, pagaram esta atitude com a prisão, o exílio ou simplesmente a morte. O discipulado nestas terras é uma empresa difícil, arriscada e de grande custo.

### **Diálogo**

A vida no Espírito não é somente um seguimento custoso, mas também um caminhar com atitude de abertura para com os demais. Os crentes têm sido libertos para viverem para os outros. Isto significa viver como parte da comunidade humana compartilhando suas lutas, temores e anseios. Em grande medida implica estar aberto ao diálogo com gente de outras tradições religiosas.

O diálogo é uma atitude de respeito e sensibilidade para com os outros que pensam de maneira diferente ou têm outras convicções. É um compartilhar e escutar-se mutuamente a partir da base de um compromisso próprio. É

os sofrimentos de mulheres e homens em todas as partes; requer morrer para as ambições pessoais e uma disposição para suportar suas cargas por causa de Cristo. É uma empresa que recebe poder do Senhor ressurreto. Os crentes não devem sentir-se inibidos pelo custo da missão cristã nem pela grande quantidade de barreiras que devem atravessar, já que Cristo os tem libertado para participar em sua missão, que está em marcha, de transformar o mundo e libertá-lo do poder do pecado e da morte.

O discipulado cristão está colocado a prova, hoje em dia, no altar da vida no Mundo dos Dois Terços. Este espaço histórico se converteu repentinamente num Gólgota. Os cristãos se vêem forçados a manter-se firmes em seu compromisso e obedecer à palavra de Deus ou a negar sua fé quando se vêem confrontados com a realidade sórdida da opressão, a injustiça, a pobreza, a repressão e a perseguição. Na América Latina, por exemplo, um grupo bastante grande de crentes, incluindo pastores, padres, religiosos e leigos, têm-se preparado para sofrer perseguição e morte antes que sobreviver acomodando-se ao meio e renegado à causa da justiça. A autenticidade da fé se mede com a medida do martírio, como disse Jesus a seus discípulos: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Porquanto, quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á e quem perder a sua vida por minha causa, achá-la-á (Mt 16.24b-25).

Viver no Espírito de Cristo no Mundo dos Dois Terços atualmente significa correr o risco de ser perseguido, molestado e assassinado, seja em países como o Nepal, onde ser um crente confessante leva a não ser considerado como pessoa, a não ter identidade reconhecida nem direito algum; ou na Coreia do Sul, África do Sul ou América do Sul, onde os líderes cristãos se identificaram com o sofrimento dos milhares de pessoas a quem se nega seus direitos humanos básicos, pagaram esta atitude com a prisão, o exílio ou simplesmente a morte. O discipulado nestas terras é uma empresa difícil, arriscada e de grande custo.

### **Diálogo**

A vida no Espírito não é somente um seguimento custoso, mas também um caminhar com atitude de abertura para com os demais. Os crentes têm sido libertos para viverem para os outros. Isto significa viver como parte da comunidade humana compartilhando suas lutas, temores e anseios. Em grande medida implica estar aberto ao diálogo com gente de outras tradições religiosas.

O diálogo é uma atitude de respeito e sensibilidade para com os outros que pensam de maneira diferente ou têm outras convicções. É um compartilhar e escutar-se mutuamente a partir da base de um compromisso próprio. É

a participação numa comunicação inter-religiosa baseada nas experiências de nossa humanidade, e a consciência da presença (do Santo em e por meio de) nossa existência planetária. Como por sermos cristãos vivemos tanto pelo poder do Espírito Criador como do Espírito Redentor, não deveríamos ter temor de expor-nos ao testemunho de qualquer pessoa de boa vontade, ao dom e aos desafios da vida e a sua fonte e sua dinâmica. De fato, reconhecemos que a vida eterna revelada em Jesus provém do Deus criador (Tg 1.17), que fez com que estivesse disponível para toda a humanidade de muitas e diversas maneiras (Rm 1.19-21; 2.12-16).

O diálogo é, portanto, uma experiência de testemunho cristão em duas direções. A partir da perspectiva cristã, começa em silêncio, como uma atitude de escutar aos outros e ao Outro que muitas vezes está oculto atrás de nosso próximo. Somente podemos compartilhar se nos tomamos vulneráveis, somente podemos dar testemunho de Jesus Cristo como vida e luz do mundo (Jo 1.4) se servirmos. Não tememos o testemunho de nosso próximo acerca de sua experiência de Deus por que servimos ao Deus que desde tempos antigos "opera feitos salvadores no meio da terra" (Sl 74.12). As Escrituras dão testemunho do fato que o que conhecemos de Deus é apenas um mínimo que permite nossa salvação, mas que há muito mais que devemos aprender. O livro de Isaias aponta para o dia em que "haverá uma estrada do Egito até a Assíria, os assírios irão ao Egito e os egípcios à Assíria; e os egípcios adorarão com os assírios ao Senhor. Naquele dia Israel será o terceiro com os egípcios e os assírios, uma bênção no meio da terra; porque o senhor dos Exércitos os abençoará, dizendo: Bendito seja o Egito, meu povo, e a Assíria, obra de minhas mãos, e Israel, minha herança" (Is 19.23-25). Seja que a visão se refere à conversão de todas as nações ao Deus de Israel ou, o que é mais provável, à conversão de Israel e as outras nações ao Deus vivente que é o fundamento de todo ser, de quem dá testemunho a consciência religiosa e é tanto o juiz de todas as religiões como a satisfação de suas aspirações mais profundas, o fato que permanece é que a salvação está nas mãos de Deus e a igreja é testemunha da porção de verdade de Deus que ela recebeu. Mesmo nosso conhecimento de Cristo é fragmentário porque, tal como lemos em Apocalipse, tem "um nome escrito que ninguém conhece senão ele mesmo" (Ap 19.12). Nosso conhecimento de Cristo não é uma posse pessoal, mas uma antecipação de sua identidade total. Devemos ser humildes e abertos porque é possível que haja coisas dele a aprender do testemunho de outros. Portanto, coincido com Reilly em que a espiritualização baseada na missão do Deus trino e uno "não pode deixar de reconhecer que a igreja não é maior que Deus e que a missão da igreja, ainda que seja a participação explícita da comunidade histórica na Missão de Deus, não é coextensiva com esta (18).

## Discernimento

A vida no Espírito não somente envolve um caminhar em atitude de abertura e diálogo com gente de boa vontade de outras tradições religiosas em qualquer parte, mas também requer discernimento espiritual. Não devemos esquecer a advertência das Escrituras: "Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus (...)": (1 Jo 4.1). Há espíritos bons e espíritos maus, forças criativas e forças destrutivas, movimentos que afirmam a vida e outros que a negam. No contexto do diálogo inter-religioso isto significa, pelo menos, que devemos avaliar todas as verdades religiosas à luz da revelação que temos recebido de Cristo. Damos testemunho do fato de que em Jesus o Messias Deus atuou decisivamente uma vez e para sempre pelo poder do Espírito Santo para redimir o mundo do pecado e da morte. Qualquer verdade salvadora que possa haver em outras tradições religiosas não pode contradizer nem substituir o significado salvador do feito de Cristo. Por isso o apóstolo João nos diz que "todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo o espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo (...)" (1 Jo 4.2-4). O fato fundamental da encarnação é, sem dúvida, que o Filho de Deus tomou sobre si não somente a identidade de cada ser humano, mas especialmente a dos que entre nós são inferiores: os pobres, os fracos e os oprimidos. Em Jesus apareceu o Filho de Deus identificado inequivocamente como o Deus dos pobres e os deserdados que vem a libertar, curar e reconciliar um mundo alienado e marcado de morte. Qualquer espírito que não afirma esta verdade não é o espírito de Cristo.

É interessante notar que a pergunta teológica fundamental para as pessoas que vivem na periferia da sociedade é: a religião, como fenômeno humano e cada fé em particular têm uma palavra de libertação para sua situação concreta? A partir da perspectiva da fé cristã a resposta é afirmativa, mas a igreja em sua atividade missionária nem sempre tem estado à altura desta verdade nem a tem sustentado com suficiente firmeza. O resultado tem sido uma espiritualidade alienante e negadora da vida em lugar de uma espiritualidade libertadora e vivificante. Muitas vezes tem sido uma traição ao evangelho e a sua missão transformadora. Uma espiritualidade que discerne permite à igreja distinguir entre o espírito de verdade e o espírito de engano, entre o Deus vivente e os ídolos da morte, entre o Cristo e o anticristo e entre o poder salvador do evangelho e as afirmações ilusórias das estratégias humanas

---

(18) Spirituality, p. 200.

de salvação. O discernimento espiritual é necessário para um discipulado autêntico e uma relação madura de diálogo com os que nos rodeiam. O discernimento é um dom para aqueles que andam segundo o Espírito em contemplação e obediência, em silêncio e em oração, na solidão da alma e a comunidade dos fiéis.

Viver no Espírito é sentir alegria quando tudo que nos rodeia parece triste, ter esperança quando parece que não há nada a esperar, ser como criança em um mundo sofisticado e ansioso. Sobretudo, é poder cantar canções novas ao Senhor ainda que viva em terra estranha. Concluo com uma de tais canções, composta por cristãos da Nicarágua (N.T. em versão livre).

#### **Enviado sou de Deus**

Enviado sou de Deus,  
minha mão pronta está  
para construir com ele  
um mundo fraternal.//

Os anjos não são  
enviados a mudar  
o mundo de dores  
por um mundo de paz.  
Há cabido a mim  
torná-lo realidade.  
Ajuda-me, Senhor,  
a fazer tua vontade!

Traduzido do espanhol por Emil A. Sobottka, outubro de 1989.